

IZIDORO BLIKSTEIN

# Semiótica: uma ciência de... detetives

Numa engenhosa alusão a *O Signo dos Quatro* - uma das cinquenta e tantas aventuras de Sherlock Holmes, escritas por Sir Arthur Conan Doyle - duas "estrelas" da Semiótica, Umberto Eco e Thomas Sebeok, editaram em 1983, nos Estados Unidos, *The Sign of Three*, pela Indiana University Press. No Brasil, *O Signo de Três* é lançado em 1991 (tradução de Silvana Garcia) pela Perspectiva, editora cuja "vocação" para a Semiótica é marcada por toda uma linha de publicações inaugurada em 1968 com o desbravador *Obra Aberta*, do mesmo Umberto Eco. *O Signo de Três* também é um livro inovador, pois é mais um lance audacioso de Eco, ao levar a Semiótica para além do elitista e fechado referencial acadêmico e mostrar como a "detetivesca" ciência dos signos, índices e símbolos nos oferece as grandes chaves para desvendar os enigmas do comportamento humano. Com efeito, *O Signo de Três* é uma coletânea de dez pequenos ensaios de autoria muito diversa (semioticistas, filósofos, historiadores, críticos literários, sociólogos), dedicados a dois famosos detetives da ficção policial, Sherlock Holmes e Auguste Dupin (o sagaz investigador de *Os Crimes da Rua Morgue*, de Edgar Allan Poe), e... ninguém menos que um dos "pais" da Semiótica, o americano Charles Sanders Peirce. O que estará fazendo o semioticista Peirce na companhia de Sherlock e Dupin? Intrigado com essa estranha reunião, o leitor tem plenamente o direito de indagar da pertinência das relações entre histórias de crimes, detetives e... Semiótica.

A resposta a tal indagação pode ser obtida na leitura de *O Signo de Três*. O leitor perceberá facilmente que, muito além das pertinentes e estreitas relações entre investigadores policiais e semioticistas, o que se verifica, na verdade, é que, de um lado, o método da descoberta, ou melhor, a heurística sherlockiana constitui uma autêntica operação semiótica, e, por outro lado, a tarefa da Semiótica é "coisa" de detetive! Com efeito, em que consiste o trabalho de detetive? Basta examinar a etimologia da palavra: *detetive* (que nos veio do inglês *detective*) é da raiz latina *TEC*, "cobrir", a mesma de onde se formaram *detector* e *detectar*. O termo *detectar* significa então, muito simplesmente, "descobrir", e o detetive é aquele que detecta ou descobre. Mas, afinal, qual é o método de descoberta de Sherlock Holmes, o protótipo do detetive "metalingüístico", sempre disposto a *explicar* o itinerário de seu raciocínio nas investigações? Embora, em todas as histórias, o herói de Conan Doyle nos brinde com uma exposição de seus procedimentos investigatórios, é justamente no cap. I de *O Signo dos Quatro* que o leitor se deliciará não só com uma verdadeira "aula" sobre como decifrar os mais intrincados enigmas mas também, e sobretudo, sobre a razão de ser da profissão sherlockiana. E o cap. I se abre com uma cena um tanto desconcertante para os admiradores do detetive:

IZIDORO BLIKSTEIN é professor de Semiótica e Linguística Geral da FFLCH/USP.

*O Signo de Três*, Umberto Eco e Thomas Sebeok (orgs.), tradução de Silvana Garcia, Editora Perspectiva.

“Sherlock Holmes tomou o frasco que estava sobre a borda da lareira e, abrindo um elegante estojo de marroquim, tirou a sua seringa hipodérmica. Com os dedos longos, brancos e nervosos, ajustou a agulha delgada e arregaçou o punho esquerdo da camisa. Durante um momento pousou o olhar no pulso e no antebraço vigoroso, *pontilhado de inúmeras picadas*. Finalmente, espetou a ponta aguda, comprimiu o êmbolo, e reclinou-se na sua poltrona forrada de veludo *com um longo suspiro de satisfação*” (*O Signo dos Quatro*, São Paulo, Melhoramentos, trad. de Hamilcar de Garcia, 1991, cap. I, p. 7 - grifos meus).

Diante de Watson, seu famoso companheiro, Holmes acabara de tomar cocaína, operação que se repetia pelo menos três vezes por dia nos últimos meses, causando grande prazer no próprio Holmes, mas perplexidade e irritação em Watson. E a esse revoltado Watson, o detetive justifica o hábito:

“Meu cérebro, disse ele, rebela-se contra a estagnação. Dê-me problemas, dê-me trabalho, dê-me o mais obstruso criptograma, ou a mais intrincada análise, e eu estarei no meu elemento. Dispensarei, então, os estimulantes artificiais. *Detesto a rotina monótona da existência*. Preciso ter a mente em efervescência” (cap. I, p. 9 - grifos meus).

Como se vê, a pesquisa e a elucubração detetivesca constituem uma condição *sine qua non* para a sobrevivência. Mas não se trata de mera pesquisa policial, pois Sherlock tem plena consciência de seu método, na medida em que não só investiga, como também procura sempre elucidar e teorizar sobre os procedimentos de investigação. É o que se depreende do diálogo com Watson:

“É por isso que escolhi a minha profissão especial, ou melhor, criei-a, porque sou o único no mundo a exercê-la.  
- O único detetive particular? perguntei, erguendo uma sobrancelha.  
- O único detetive particular *consultivo* ... Sou o mais alto tribunal de apelação em matéria de *pesquisa criminal*...” (cap. I, p. 9).

Ao impaciente Watson, curioso por conhecer os segredos da ciência sherlockiana, Holmes explica que ela se baseia muito simplesmente em *observação e dedução* (*abdução* para Peirce, como se verá adiante), exemplificando-as com o próprio Watson:

“... a observação mostra-me que você esteve esta manhã na agência postal da Wigmore Street, mas a dedução faz-me saber que, ali chegando, expediu um telegrama” (cap. I, p. 12).

Diante do espanto de Watson, que não entende a “adivinhação”, pois não mencionara a ninguém a sua ida ao correio, Sherlock expõe a sua heurística:

“A observação diz-me que você tem um pequenino torrão avermelhado preso à sola do sapato. Exatamente em frente da agência postal da Wigmore Street, levantaram a calçada, deixando um pouco de terra no caminho, de sorte que é difícil não pisar nela ao entrar. A terra é de um vermelho típico que, *até onde sei*, não se encontra em nenhum outro lugar das redondezas. Tudo isto é observação. *O resto é dedução*” (cap. I, p. 12 - grifos meus).

E Sherlock esclarece ao cada vez mais espantado Watson como *deduziu* que este havia passado um telegrama:

“- Ora, evidentemente, eu sabia que você não tinha escrito uma carta, uma vez que passei toda a manhã sentado à sua frente. Vejo, além disso, que há uma folha de selos na sua escrivaninha aberta e um grosso maço de postais. *Para que iria*, então, à agência postal, se não para mandar um telegrama? Elimine todos os outros fatores, e o que *restar deve ser a verdade*” (p. 12 - grifos meus).

O método de descoberta consiste pois em observação e dedução.

Mas dá para perceber a prudência científica de Holmes, pois suas deduções não são nem adivinhações e nem afirmações categóricas mas constituem, antes de tudo, formulações hipotéticas que podem levar à verdade dos fatos. Tal prudência pode ser apreendida de algumas expressões cautelosas utilizadas pelo detetive como: "até onde sei"; "o resto é dedução"; "Para que iria, então, à agência..." (uso de um modo verbal hipotético); "... e o que restar deve ser a verdade".

Nota-se, portanto, que a riqueza e a fecundidade do método está na possibilidade de formular hipóteses baseadas em observações e deduções: o fato de Watson não ter contado a ninguém que fora ao correio não impede que o detetive formule uma hipótese provável. No entanto, a demonstração cabal da eficácia dessa conduta metodológica fica evidente quando Holmes é desafiado a identificar "o caráter e os hábitos" do proprietário de um relógio que Watson maliciosamente lhe exhibe. Depois da costumeira e atenta observação, o detetive deduz com a sua metódica cautela:

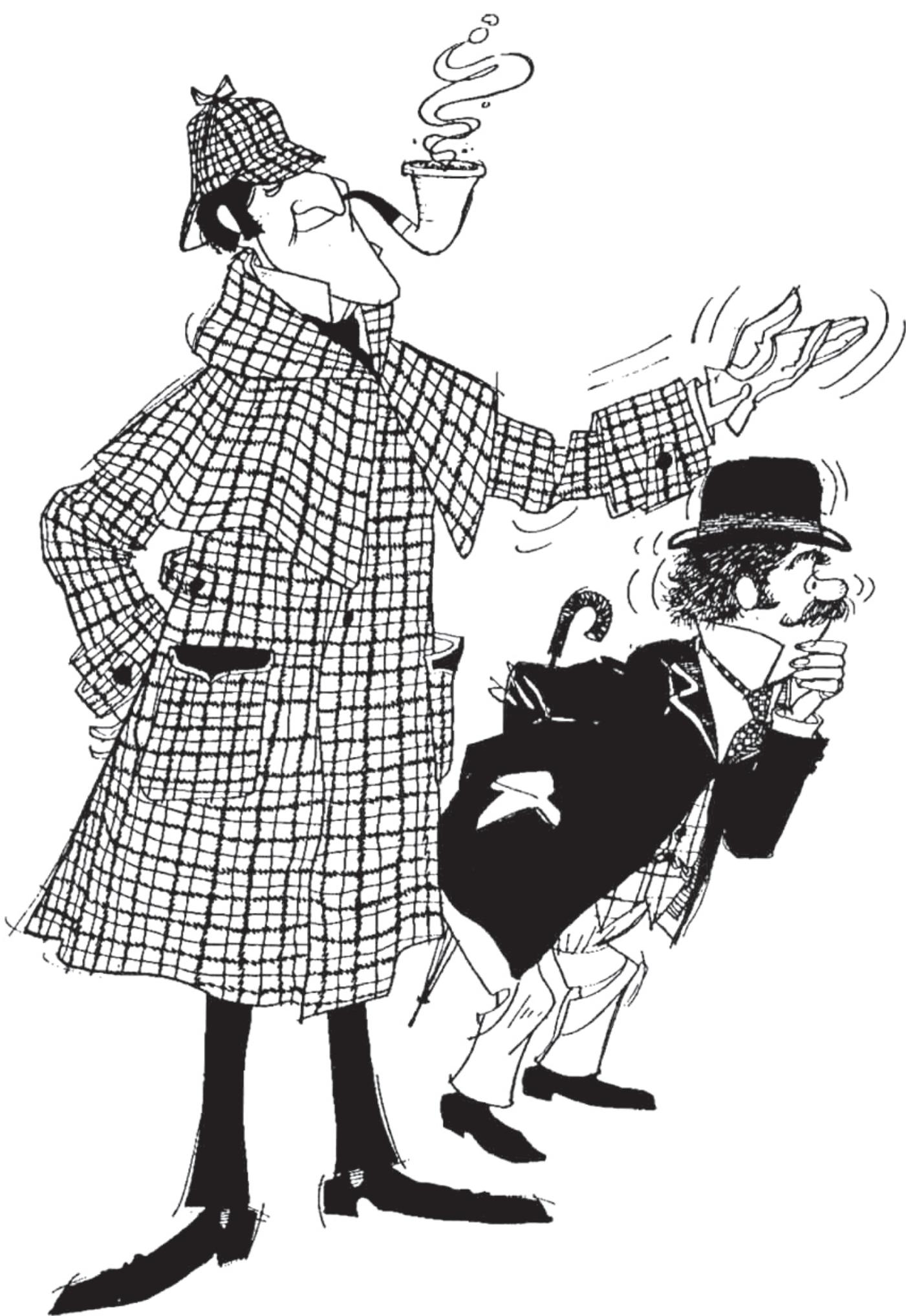
"- Se não me disser o contrário, julgo que o relógio pertenceu ao seu irmão mais velho, que o herdou de seu pai" (cap. I, p. 13).

Watson, que achara quase normal a descoberta do proprietário, deduzida a partir das iniciais *H.W.* e da data gravadas no relógio, fica absolutamente indignado pela descrição dos hábitos do irmão feita por Holmes:

"- Ele era um homem de hábitos desordenados... Iniciou a vida com boas perspectivas, mas deitou fora as suas oportunidades, viveu algum tempo na pobreza, com intervalos ocasionais de prosperidade, e por fim, entregando-se à bebida, faleceu. Isso é tudo o que posso inferir" (cap. I, p. 14).

Incapaz de aceitar e, sobretudo, de entender como foi possível chegar a tais inferências pela simples observação de um velho relógio, Watson prefere acreditar que Holmes, como um bom charlatão, cometeu a indignidade de "fingir" estar fazendo deduções, quando, na verdade, tudo o que o detetive dissera baseava-se em indaga-





ções bisbilhoteiras sobre a vida daquele infeliz irmão. Ao procurar aplacar a ira do companheiro, Sherlock acaba por fornecer os elementos fundamentais de seu método de descoberta, marcando bem a diferença entre o senso comum “realista” de Watson - para quem o conhecimento se obtém por um contato direto com as pessoas, os objetos e, enfim, os fenômenos - e o seu “deducionismo” lógico que consiste em formulações hipotéticas a partir da observação de pormenores ou indícios muitas vezes secundários e aparentemente insignificantes. Com efeito, Sherlock começa por esclarecer que nem sequer sabia da existência do irmão de Watson e que tratava do caso como um “problema abstrato”, esquecendo-se de que “era uma coisa íntima e dolorosa” (p. 14). E para a solução desse *problema abstrato*, Watson deveria compreender que a descrição feita pelo detetive não foi propriamente o relato *real* da vida do irmão mas apenas um “saldo de probabilidades” (p. 15), deduzido na observação de pequenos indícios encontrados no relógio. Assim, o desleixo do irmão foi inferido a partir dos arranhões na parte inferior da caixa do relógio, “conseqüência do hábito de guardar objetos duros, tais como chaves ou moedas, no mesmo bolso” (p. 15); quatro números gravados com alfinete na tampa interna - procedimento habitual nas casas de penhor na Inglaterra - indicam que o irmão de Watson, em prováveis apuros financeiros, deve ter penhorado o relógio repetidas vezes; finalmente sulcos em torno do buraco da chave na tampa interna sugerem dificuldades em introduzir a chave por causa dos escorregões da mão vacilante de um ébrio.

Nesses exemplos de descobertas sherlockianas encontra-se magistralmente resumido o método semiótico que consiste basicamente em formular a explicação hipotética de um conjunto, de uma situação ou de um quadro geral a partir da observação e da “leitura” de pormenores *aparentemente* marginais ou irrelevantes. Embora possa haver equívocos, a hipótese *pode* dar certo, pois a leitura e a interpretação dos pormenores e indícios apóiam-se em regras gerais acerca da experiência humana. A força do método sherlockiano/semiótico reside no fato de que o investigador não precisa e nem mesmo deve estar presente à situação, mas tem de sobretudo saber interpretar os dados de que dispõe. Trata-se mais de *percepção* (*perceber* é “captar através de”) do que de uma visão direta dos fatos. De fato, Sherlock *percebeu* a ida de Watson ao correio ou o desleixo do irmão através dos pormenores (torrão de terra avermelhada no sapato, arranhões na caixa do relógio) observados e interpretados à luz de regras ou de uma “lógica” a respeito da experiência humana. Para o conhecimento, não se trata, pois, de *ver* os fatos, mas de *percebê-los* e saber interpretá-los. O que interessa a Sherlock - e à Semiótica, é claro! - não é propriamente o *visível* mas o *inteligível*.

A Semiótica é exatamente isto: decifrar o “grande” (embora sem vê-lo) através do “pequeno”. O semioticista deve formular as hipóteses ou conjecturas que possibilitem o deciframento das situações, dos comportamentos, dos pensamentos e do discurso, com base na observação de pormenores (que podem ser índices, símbolos ou ícones) interpretados a partir de um quadro lógico sobre a experiência humana. O “pai” da Semiótica, Charles Sanders Peirce, chamou tal procedimento metodológico de *abdução*, fartamente ilustrada nos ensaios de *O Signo de Três* com o clássico exemplo dos feijões:

Regra: Todos os feijões deste saco são brancos.

Resultado: Estes feijões são brancos.

Caso: Estes feijões provêm deste saco.

Peirce distingue a abdução da dedução e da indução, pois enquanto estas apontam para algo que *deve* ser ou que *é de fato operativo*, a abdução (tal como no “saldo de probabilidades” sherlockiano) “sugere meramente algo que *pode* ser” (*O Signo de Três*, p. 202). Esse *poder ser* mostra a fecundidade da investigação semiótica. Como um detetive, o semioticista formula hipóteses criativas que vão engendrando outras hipóteses e conduzindo aos “*play of musement*” de Peirce (jogos de meditação ou de ruminação), conforme Thomas Sebeok em “Um, Dois, Três, Ueberdade Desta Vez”, ensaio introdutório de *O Signo de Três*. O termo *uberdade* indica com precisão a tarefa que Peirce atribuiu à Semiótica: construir prognósticos sobre a experiência humana e, particularmente, sobre a nossa conduta futura, a partir da interpretação dos índices, símbolos e ícones que envolvem o indivíduo. O método semiótico da “prognosticação” é poeticamente ilustrado por Sebeok, ao evocar o famoso “a criança é o pai do homem”, de Wordsworth (citado por Machado

de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*). Mas os jogos de rinação ou as abduções “úberes” e criativas já tinham sido praticadas por Auguste Dupin, o sagaz detetive criado por Edgar Allan Poe (*Os Crimes da Rua Morgue*), como bem observa Nancy Harrowitz, em “O Arcabouço do Modelo de Detetive”, nono ensaio de *O Signo de Três*. Para Harrowitz, Poe é o criador da “raciocinação” detetivesca, um verdadeiro devaneio ou rinação acerca de indícios aparentemente insignificantes. Para os “detetives” Sherlock, Dupin e Peirce, a observação do pormenor é de fundamental importância. A idéia de que o “pequeno” conduz ao “grande” está impecavelmente sintetizada na frase “Deus se esconde nos detalhes”, de Flaubert e Warburg, citada em epígrafe no texto “Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes”, de Carlo Guinzburg, quarto ensaio de *O Signo de Três*. Nesse brilhante trabalho, Guinzburg aponta o paralelismo entre Sherlock, Freud e o historiador e crítico de pintura Giovanni Morelli, ressaltando o fato de que Freud ficara impressionado com o método interpretativo de Morelli, “baseado na apreensão de detalhes marginais e irrelevantes enquanto chaves reveladoras” (p. 96). Para Morelli, o pormenor insignificante é revelador na medida em que, como dificilmente pode ser falsificado ou camuflado, deve conduzir à revelação do conjunto a que pertence. Outro não é o procedimento de Freud, ao deter-se nos pequenos lapsos de memória ou de linguagem para explicar, por exemplo, o esquecimento dos nomes próprios em *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Como oportunamente assinalam Thomas e Jean Umiker Sebeok em “Você Conhece o Meu Método”, segundo ensaio do livro, não é mera coincidência o fato de que o Dr. Joseph Bell, o médico que inspirou Conan Doyle na criação de Sherlock, tenha insistido, em seus diagnósticos e prognósticos, no valor incalculável do “infinitamente pequeno” (p. 44 de *O Signo de Três*). A partir da percepção arguta do “pequeno”, a investigação semiótica é uma tarefa criativa e poética, o antídoto a que recorria Sherlock para combater a estagnação e a “rotina monótona da existência”. Com efeito, é a rinação, é o devaneio, é a “raciocinação” que nos levam a uma geração de sentidos prenes de outros sentidos que nos permitirão sempre *prognosticar*.

É a semiose infinita, de Umberto Eco, que pode nos transportar do realismo “sem-graça” do cotidiano para a esfera poética dos prognósticos engendrados pelos “*play of musement*”. Daí o erro de Zadig, de Voltaire, que, por não saber ater-se à sua inteligente *abdução* sobre as características de um cavalo desaparecido, saiu do mundo de probabilidades prognosticado pela operação semiótica e caiu no mundo do “real”; conforme a luminosa observação de Umberto Eco, em “Chifres, Cascos, Canelas” (último ensaio de *O Signo de Três*), quando foi instado pelos oficiais do rei a justificar a sua hipótese sobre o desaparecimento do cavalo, Zadig responde que nada podia dizer, pois não tinha visto o animal (apesar de tê-lo descrito à perfeição), o que leva os guardas a puni-lo por considerar Zadig ladrão e mentiroso. Os guardas não sabiam a diferença entre um prognóstico semiótico e uma situação concreta do mundo real; Zadig, por sua vez, foi punido, porque, como observa ironicamente Umberto Eco, traiu a Semiótica, trocando o *inteligível* pelo *visível*.

Vale observar então que o título *O Signo de Três* não é só uma alusão aos três semioticistas (Sherlock, Dupin e Peirce) mas é também uma homenagem ao método detetivesco de Peirce, todo ele baseado em relações *triádicas*, como os três termos das abduções, a conexão entre ícone, símbolo e índice, ou a relação signo/objeto/interpretante. Já *O Signo dos Quatro*, de Conan Doyle, se deve a quatro nomes (Jonathan Small, Maomé Singh, Abdullah Khan e Dost Akbar) escritos num velho papel e que podem servir de pista para decifrar o mistério do desaparecimento do Capitão Morstan, pai da Srta. Morstan que desesperadamente tinha recorrido a Sherlock, como o único capaz de descobrir o paradeiro do capitão.

Para ampliar o escopo da investigação semiótica seria útil ao leitor conhecer a teoria semiológica do belga Éric Buysens (*Semiologia e Comunicação Lingüística*, pela Editora Cultrix), também baseada na observação e interpretação de indícios.

Para concluir, eu diria que o leitor sairá recompensado da leitura de *O Signo de Três*, pois Umberto Eco, Thomas Sebeok e seus companheiros acabam nos mostrando, de modo sedutor, o que é e para que serve a Semiótica: é a ciência do deciframento do mundo e serve para garantir a nossa liberdade de percepção e de pensamento, na medida em que pode manter acesa a consciência dos signos, índices, ícones e símbolos que nos envolvem e com que podemos ser manipulados.